

1. (nesse instante o que você faz de vital)

estou escrevendo agora
a paródia de um poema sobre os rins da pedra
além de um conto inevitável sobre os intestinos cambrianos
da época de Cristo.

(confissão vital)

cada vez que sinto a poesia escapar da pena
dolorosa do poeta e derramar-se como gosma
por entre meus pobres dedos enduvidados
para o ralo da verdade ávida de mim do mundo
alma se revolta contra o corpo, espírito naufraga um pouco

o risco de meu nome descer
garganta abaixo da vida nominal aumenta.
e o orifício da pia parece buraco-negro sem limites (ou horizontes)
a falta do sentido da vida
é a mesma da minha poesia anti

ela é coerente ao menos
com o nada que ela é sempre

cada vida é uma coisa mínima (tenho por achado).

2. CÂNTARO DE SEREIA

O verbo está enfermo.
O futuro na enfermaria do 3º andar.
Estou me enfermariando
para estar à altura
da efeméride
do verbo enfermo enorme (de barro efêmero).
Lanço na terra (árida ou desolada) da linguagem
semente do que desconfio (incrêu que sou sempre)
para que se esboroe o edifício
e a revolta sinta em mim sede de ser.
A palavra não é mais real.
A fé no absurdo me move ao mar do nada
onde mergulhar a razão inerme, estropiada.
Infelizmente algo ainda faz sentido.
Minha antipoesia é firme, madura, interativa.
Luto pelo desvalor da poesia. Pelo
antevir cego. “As palavras em nossos vocabulários
envelhecidos são como pessoas morrendo” do tédio
de não ser nada o mundo. A poesia liberta?
Todo diálogo é cego. Como advento.
Nada insignifica. Tudo é o todo. NTD
(Nada tenho dito). Mais um texto infame e vital.

3.

Minha desconfiança se aprofunda
acentuadamente. A língua brasileira é falsa.
Em sua busca de representar a aparência suprema.
E deixar o ser num cântaro de pranto ofegando.
Precisamos de interrogações viris. Necessitamos de mortes reais acesas.
Para meu aborrecimento, a poesia vegeta e sou cínico.

(confissão)

Estou escrevendo com afino um tratado de ilógica
para poetas poderem salvar a pátria da língua.
Ressuscitar o pária da palavra salvífica. Envenenar a mucosa
que empapa o signo de volúveis cusparadas. E
interrompe o fluxo de palavras sem saliva. Ou com a
nóbrega aranha arquitetando seus fios hábeis, líricos
de aço fusível (para disparo trêmulo das vítimas manoelinas).

4. (OUTRO POEMA)

Memovo porquerespiro. Sons íntimos de pedra urdo.
Desconsidero-me como poeta. Ubiquíó-me. Sou-me.
A poesia é a representação literária do nadamais absurdo.
(Garanhuns é muito confessional. E agrária. E (im)pura).
Aqui ergo alto minha antipoesia plena. E sinto
a inevitável respiração viva. Dos elementos a épura
desesperada. Das incontinências, a verdade surda.
Como nômade da palavra, sou uma forma de revolta
que não se salva mais.

A garoa é minha pátria. E meu inelemento vital.
A garoa é minha épura, meu compasso, estribo
minha ar-terial e abissa verdade sem vértebra
minha desabominação inteira. Meu devoto mover do céu.
A garoa é minha garota, estribilho, orgulho, hino
(como o de João Marques idílio ao natal solo).

5. (não-manifesto de mim)

Desconsidero o que não de mim viera
outro Vieira, ávido de estalos
e enlouquecidas palavras. Em poesia
sou único (embora cínico).
Sou o grau zero, a grua (o agouro do guru)
debruçada sobre o pântano cru
da má poesia vigorante
erva daninha do verbo brasileiro.
Escrevo sobre criaturas cruas (como pântanos vivos)
de palavras enigmando-se
em gerúndios dissolutos, absurdos (e lascivos
ou adjetivos embora vitais como o mel para as abelhas).
Opino sobre famas e vestais nuas
opróbrios, bentevis azuis
e estranhos pâncreas (de sintagmas).

(Vislumbrei uma nova poesia
novo niágara do verbo-úmido e ressumante
que era apenas a velha sepultada de 22
neorrenovada). A de 30 ressurecta.

6. 5 ESTROFES

O peregrino chega ao meio-dia
depois de tantos pés sob assédios do sol incessando
(inclementemente incensando de sal de luz a pele)
e abre o assombro
penetrando na tarde
como falo na vagina do crepúsculo.

Epigramas azuis
sobre o futuro de nossas estrelas
(poema ao passado celeste).

Resíduos azuis
cobertos de máculas, pecúnias
e açoites vermelhos o poema.

Não interessa o que poeta diga
mas como o faça (mas como o diga):
é o que leitor deva ver
ao ler(-me) poema.

Não desista. Ou melhor desista de ler-me
pois ler VCA causa AVC e segundo S. Joachim
entonturo, sidero (causo pasmo e asco nos outros).

7.

Todo jardinado poema
é horta de verbo e pêsame azul
cruel horto de abril, ramo de palavras
e hirta papoula

acesa em maio.

Todo ajardinando-se poema é
osso de crepúsculo

água de camelo.

Poeta para aperfeiçoar estro
precisa plantar alhos
na manhã seguinte à lua cheia
(na varanda do seu ateliê de escrita
em vasos côncavos com sais trêmulos em trânsito).

Na viril clavícula do poeta o peso
do cadáver da beleza da palavra que carrega
em seu alforje de velório, treva, inverno
é tão leve quanto beija-flor ou abelha
(em sua valsa aérea). Leve como pena de anjo fiel.

8. QUÂNTICO

Neste canto hínico, ubíquo, meio ôntico, meio divo
esplandeço, comovo, ensino, aprendo, deleito...

Redentor de pragas rínicas e mecânicas
objetos métricos frutos de ábaco falangético (tétrico)
neopoeta morde-se flutuando como seiva do ar
ou bandeira enterrada no instante.
Cântico de íons enlouquecidos naufragados
na bacia dos átomos da alma de cobalto.

Mundo fluxo vivo
de vida e morte.

Palavra somada a outra torna-se
fração infinita da 1ª parte do poema.

Vagina em plena
reposição
 florestal do púbis
poema, vertigem, milagre do viço
caminho para a alma.

Empalado Cadafi é grotesco.
Tal morte esbofeteada não vale uma ditadura
de 42 anos.

9. PÂNCREAS

a Murilo Gun

O filho pródigo não tem mais guarida
no (oco) coração do pai
(cheio de soberba e sombra de abelha).

Qual o papel das flores-
tas: arder para
brilho do progresso humano
ou ornar jardim de rico velório?

Ela tinha humor escuro e espessas
risadas despertava
na platéia
entre ampolas de abelhas e espelhos.

Toda arte é sexual.

10. QUARTO POEMA

Vou vomitar na página 27
do 7º livro (execrível como sempre)
de poemas de Vital equivalente
a tédio vivo uivando na savana ávida.
(Me dê um lenço bem asséptico e curvo
como haste ao vento fino logo).

Minha sórdida puberdade amei
ímpio adolescente que fui
escravo de ataduras críveis
produto de avaras incontinências
e de palavras desarvoradas meu poema
sempre juvenil endereça o futuro
numa postagem de escombros ou assombros (que rimam).

Arruaças eriço
na palavra emboscadas.

Rato de cave poeta mergulha
na bebida como um bote
de naufrágos apegos
e orgias velozes.

11. 7 POEMAS

Meu poema insistemático objeto
de palavras doutrinais em desuso
radical ou infeccionado
de soberba e de sintagma.

Brilhante e ordeira
matreira (matutina) estrela
salta para o céu
dos meus olhos.

Quem fugaz faz o instante
é o espaço
que o ego ocupa
do meio do mundo.

Continuum invenção do tempo
para se safar do fluxo quântico.

Delito deleita.

Fruto de ágeis especulações sutis o espírito.

12.

O ser é o nada (em poesia).

Ela era extremamente anal.

Simplesmente sou. Ser de falsafé.

Em si por si sou sim.

A moeda cristã do coração
apinhado de usuras
e sangue bursátil
controlado por válvulas de artifício
e preitos de gritos, saltos de pontes
blocos de safenas, veias, uivos
é falsa ou passa?

Cada poeta carrega no ombro
um cadáver (de palavra) consigo
como signo
e outro do avesso da verdade
como sino
e cego alvo de treva do verbo ilumino.

13. POEMA RADICAL DE RAIZ FORTE

Remoto ancestral meu vivera sete anos
em Hiperbórea, acompanhando Apolo
trajado de corvo solar. Antes
o deus morara numa caverna de Creta
onde frugalmente vivera alimentado
de ervas azuis e vasta insônia.

Em sonhos assisti filho
de Caistróbios de Proconésia
chegar às terras dos issedônios.
Lá, Aristéas de Proconésia
conheceu os arismapes
povo de um só olho – e profundo olhar.
O olho único era transmissível, móvel
astuto, de mão em mão fluía
garantindo a visão de todos os membros
desse povo uno em torno de só e imortal olhar.